

# FUTEBOL E CINEMA: DUAS PAIXÕES, UM PLANETA

Prof. Dr. Victor Andrade de Melo

Universidade Federal do Rio de Janeiro<sup>1</sup>

Em futebol, quando se perde um gol, não tem jeito. Em cinema, se você erra, dá para repetir a cena<sup>2</sup>.

Para os de sensibilidade, e que têm a coragem de se irmanar com o homem da rua, o futebol não é o gesto gratuito que muitos imaginam, mas um território poético, imenso manancial do poder de criação humana no retorno à pureza da infância. É um cometimento estritamente estético com os supremos ingredientes da arte: ritmo, harmonia inventiva, movimento, incursão no tempo e no espaço, equilíbrio e plasticidade<sup>3</sup>.

## Introdução

Para além da importância de sua temática e de sua abordagem, dois fatores estimularam fortemente a organização deste livro: a realização de mais uma Copa do Mundo de Futebol em 2006 (Alemanha) e a promoção do IV Ciclo de Cinema e Esporte. Este último evento já vem sendo realizado desde o ano de 2003 e de suas quatro edições, três foram dedicadas a discutir o velho esporte bretão: na primeira foi a temática, na terceira esteve presente já que o tema foi “torcidas organizadas”; e na última sua presença por todo o planeta voltou a ser o assunto central.

Temos que confessar: em alguns desses ciclos tentamos fugir do futebol. Para esse ano de 2006 tínhamos inicialmente pensado em abordar outra temática. Mas como escapar de tamanha paixão, como permanecer inerte perante o poder desse esporte que encanta milhões de pessoas por todo o planeta? Em nossa sociedade contemporânea, o futebol praticamente se impõe em cada pedaço desse mundo globalizado. Não surpreende, portanto, o fato de que haja mais países ligados à Federação Internacional de Futebol (FIFA) do que à Organização das Nações Unidas (ONU).

Outro indício interessante: os maiores índices mundiais de audiência televisiva são obtidos exatamente por ocasião da realização das Copas do Mundo. Somente considerando o sorteio dos grupos para a edição de 2006, 145 países receberam as imagens e

---

<sup>1</sup> . Programa de Pós-Graduação em História Comparada/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais; Professor da Escola de Educação Física e Desportos; Pesquisador do Programa Avançado de Cultura Contemporânea; Pesquisador do Laboratório do Tempo Presente; Coordenador do Grupo de Pesquisa “Anima”: Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais.

<sup>2</sup> . Pelé, comentando sua experiência como ator. Apud. MAURÍCIO, Ivan. *90 minutos de sabedoria*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002. p.16.

<sup>3</sup> . Fala do cineasta Wladimir Carvalho. Apud. MAURÍCIO, op.cit, p.41.

aproximadamente 320 milhões de espectadores acompanharam a definição das partidas. Assim, não por acaso, estima-se que o contrato com as 21 empresas que patrocinam o evento rendem à FIFA 755 milhões de dólares.

Tenho investigado as relações entre esporte e cinema há quatro anos. E meu interesse pela temática foi desencadeado alguns anos antes, em 1999, quando assisti o filme “Nós que aqui estamos por vós esperamos”, de Marcelo Masagão. Nesta bela e poética película, uma biografia sentimental do século XX, há uma seqüência em que o cineasta compõe um verdadeiro *pas-de-deux* entre Fred Astaire, ídolo de um dos gêneros cinematográficos mais importantes (o musical), e Garrincha, uma das grandes estrelas e heróis do futebol. Não surpreende que o brilhante Néelson Rodrigues, um dos mais importantes escritores brasileiros e um de nossos principais cronistas esportivos, comparasse o craque de pernas tortas a Charles Chaplin.

Se o futebol é uma grande paixão, o cinema não é um amor menor. Os heróis e heroínas, os vilões e vilãs, as estrelas cinematográficas e seus comportamentos impregnam o nosso imaginário. Hábitos e costumes, valores e sensibilidades, formas de ser e de se portar, ocorrências históricas, utopias e sonhos difundidos pelas películas e pelo circuito construído ao redor dessa jovem arte, herdeira direta da modernidade, habitaram o cotidiano de pessoas de todo o mundo, de todas faixas etárias, de todos estratos sociais, de diferentes sexos e orientações sexuais: nada parece ter passado despercebido aos cineastas e seus filmes.

Assim, quando falamos das relações entre futebol e cinema, estamos certamente narrando os encontros e desencontros entre duas paixões universais, diferentes mas profundamente relacionadas. Alguns, eivados de saudosismo, podem argumentar que tanto cinema quanto futebol já não são os mesmos, são hoje combatidas manifestações culturais. Não posso historicamente compartilhar dessas sensações, até porque os números dizem o oposto. Ainda que de forma diversa, mesmo que fazendo uso de outros meios (como a televisão, a internet, os vídeos games), ainda que cercados de denúncias e máculas (afinal, como práticas sociais, produzidas por seres humanos, diferente não poderia ser), futebol e cinema continuam a manter um lugar especial nas mentes e nos corações dos habitantes do planeta Terra; e provavelmente isso se perdurará por muitos anos.

Na verdade, os encontros entre o esporte (e o futebol é hoje o principal representante mundial dessa manifestação cultural) e o cinema não são ocasionais. Vale destacar que são fenômenos típicos da modernidade (ainda que possuam raízes anteriores), se organizando a partir das mudanças culturais, sociais e econômicas observáveis desde o fim do século XVIII e no decorrer do século XIX. Ambos constituem-se como poderosas representações de

valores e desejos que permeiam o imaginário do século XX: a superação de limites, o extremo de determinadas situações, a valorização da tecnologia, a consolidação de identidades nacionais, a busca de uma emoção controlada, o exaltar de um certo conceito de beleza. Ambos celebraram e foram celebrados pelas novas dimensões de vida e de sociedade construídas no decorrer do século que passou<sup>4</sup>.

Este livro se propõe então a investigar esta fértil relação: futebol-cinema-sociedade. E este capítulo deve ser encarado como uma forma de introdução aos artigos que se seguirão. Pretende apresentar de forma geral e ampla as peculiaridades dos relacionamentos entre essas duas artes, esses dois fenômenos, essas duas paixões. É uma espécie de “trailer” ou “aquecimento/preleção”, antecedendo a bela “película” ou “partida” que o leitor irá descortinar nas próximas páginas. Intuita antecipar algumas emoções, estimular o leitor a se preparar para a jornada que ora começa.

Assim sendo, como diria o diretor, “Atenção, silêncio, luz, câmera, ação!”, ou como diria o locutor esportivo, “Apita o juiz, começa a partida!”. Vamos ao jogo/filme!

### **O futebol no cinema mundial**

Copiar una obra de arte es imposible; intentarlo es más factible, aunque en el resultado final queda siempre la evidencia de nunca poder mostrar el alma del autor. Al final es una copia inexacta. Algo así debe ocurrir entre el desencuentro del cinema y el fútbol; dos artes según se mire com alma propia sin comparación<sup>5</sup>.

Vamos encarar logo uma questão que sempre vem à baila quando se discute a presença do futebol no cinema: por que tão pouca presença do velho esporte bretão nas películas produzidas por todo mundo, inclusive em países nos quais goza de grande popularidade, como o Brasil e a Itália? Se são constantes e profícuos os encontros entre cinema e esporte, por que a mais popular das práticas esportivas contemporâneas está em certo sentido pouco representada, ainda mais quando a comparamos a outros esportes, como o boxe (este quase um gênero à parte entre os filmes esportivos<sup>6</sup>)? Alguns motivos podem ser elencados:

---

<sup>4</sup> . Para maiores informações: MELO, Victor Andrade de. *Esporte, imagem, cinema: diálogos*. Relatório de pesquisa/pós-doutorado em Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Programa Avançado de Cultura Contemporânea, 2004. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/cinema>; MELO, Victor Andrade de, PERES, Fabio de Faria. *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora do Senac, 2005a.

<sup>5</sup> . GONZÁLEZ, José Miguel. *Evasión o victoria. Nickel Odeon*, Madri, n.33, inverno/2003. p.130.

<sup>6</sup> . Maiores informações sobre a presença do boxe no cinema podem ser obtidas em: MELO, Victor Andrade de, VAZ, Alexandre Fernandez. *Cinema, corpo e boxe: reflexões sobre suas relações e notas sobre a questão da construção da masculinidade*. Rio de Janeiro/Florianópolis, 2005. mimeo.

### \* Questões técnicas

Ao contrário do boxe, da natação e de alguns outros esportes, é muito difícil recriar artificialmente uma partida de futebol. Mesmo que encontrássemos um bom jogador de futebol que também representasse bem, algo pouco provável, seria praticamente impossível recriar exatamente as inusitadas e imprevisíveis situações de um jogo, um dos encantos, aliás, deste esporte.

Ao contrário das películas, que são obras de arte produzidas a partir de um certo controle, até mesmo em função de suas características (normalmente há um roteiro prévio; envolve grande número de pessoas na equipe; requer um vultuoso investimento), uma partida de futebol é uma obra de arte bastante aberta, uma performance sem roteiro pré-definido (ainda que existam as “jogadas ensaiadas”), onde um grande número de variáveis interfere na configuração do resultado final<sup>7</sup>.

Para solucionar este problema, os cineastas fizeram uso de recursos diversos: recriaram partidas mesclando atletas profissionais e atores; editaram cenas de jogos “reais” com as de “cenográficos”; fizeram uso de muitos planos detalhes nos corpos dos jogadores ou planos gerais do gramado; tentaram ensaiar jogadas; extrapolaram ao máximo a trama para além das linhas do gramado. Todas, em maior ou menor grau, fracassaram na tentativa de simular a concretude do esporte. Mesmo que o avanço tecnológico tenha minimizado esses problemas, ainda se está longe de uma solução eficaz.

Certamente também por isso, não é incomum que os filmes de futebol não obtenham grandes resultados de bilheteria, atraindo pouco o público que vai aos estádios. O torcedor, acostumado a dinâmica das quatro linhas, não se satisfaz com o que vê na tela.

Isso certamente ajuda a explicar o porquê do grande número de filmes documentais produzidos, majoritariamente para o mercado doméstico, onde se apresentam coletâneas de belos gols, belas jogadas, fatos inusitados do esporte. Na verdade, também para as salas de projeção se produziu e continua a se produzir esse tipo de película<sup>8</sup>.

Este material de natureza documental, que historicamente é mesmo anterior aos filmes de ficção, tem sido de grande importância para contribuir para a difusão do futebol por todo o mundo, notadamente a partir da construção de mitos: os grandes jogadores do passado, os

---

<sup>7</sup> . Sobre o esporte como uma forma de arte, ver: MELO, Victor Andrade de. O esporte como uma forma de arte: diálogos entre (duas?) linguagens. Movimento, Porto Alegre, v.11, n.2, mai-ago/2005b.

<sup>8</sup> . Um exemplo disso é o recentemente lançado *Pelé Eterno* (2004, de Anibal Massaini Neto).

jogos inesquecíveis; a mística que envolve o esporte, algo que passa necessariamente pela torcida, uma das facetas fundamentais desse grande espetáculo do século XX.

Não surpreende então que a FIFA tenha lançado, no ano de 2005, o DVD *Fifa Fever: o Melhor da História do Futebol*, com o intuito de comemorar o centenário da instituição (1904-2004). Aí se podem ver imagens de todas as Copas do Mundo, grandes gols e jogadas, informações sobre importantes jogos e sobre os principais jogadores, visões raras do esporte.

Aliás, uma das mais importantes iniciativas documentais relacionadas ao futebol é de origem brasileira: o Canal 100, um capítulo à parte nas relações entre futebol e cinema. Produzido entre os anos de 1959 e 1986, nesse cinejornal o futebol ocupava lugar de grande importância e era exibido como nunca antes o fora no país, elevado à categoria de um épico. Há indícios que demonstram que mesmo mundialmente as imagens esportivas produzidas pela equipe do Canal 100 estavam entre as mais belas. Tanto assim que a produtora ganhou a concorrência de exclusividade para a captação de imagens na Copa do Mundo de 1970<sup>9</sup>.

#### \* Dramas

Ainda que a figura do craque seja de grande importância para o futebol, este é um esporte coletivo, onde 22 pessoas (além dos árbitros) interagem todo o tempo. Não é incomum que um jogador pouco conhecido destaque-se em uma partida. Com isso, e pelo que o envolve fora de campo, possui uma força dramática menos explícita do que, por exemplo, o boxe.

Os esportes individuais permitem exponenciar os embates típicos do cinema, notadamente construídos a partir de uma dualidade maniqueísta: um herói e um bandido, o primeiro sempre se superando para enfrentar o segundo. Além disso, ainda que o futebol seja um jogo violento, esta dimensão não fica tão clara quanto no boxe, onde é sempre a tônica. Violência, sangue, suor são peças de grande valia para a composição de histórias notáveis<sup>10</sup>!

#### \* Menor interesse do público norte-americano

---

<sup>9</sup> . Em função do pouco espaço que temos neste artigo, não aprofundaremos a discussão sobre o Canal 100. Para quem desejar maiores informações, sugiro ver: CALDEIRA, Oswaldo. Garrincha, Alegria do Povo – futebol, tema de filme? In: MELO, Victor Andrade de, PERES, Fabio de Faria. *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora do Senac/RJ, 2005; MELO, Victor Andrade de. Esporte e cinema: diálogos – as primeiras imagens brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.26, n.2, 2005c; MELO, Victor Andrade de. Eficiência x jogo de cintura: Garrincha, Pelé, Néelson Rodrigues e a construção da identidade nacional. In: CBCE. *Anais do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. Porto Alegre: UFRGS, 2005d.

<sup>10</sup> . Para maiores informações, ver estudo de Melo e Vaz (op.cit.).

A principal indústria cinematográfica mundial ainda é a dos Estados Unidos. Como o público norte-americano tem pouco interesse pelo futebol, é provável que isso também influencie na realização de um número menor de películas onde este esporte está presente.

---xxx---

De qualquer forma, a despeito de todos esses fatores, não se pode dizer que o futebol não esteve presente nas telas. No cinema espanhol, por exemplo, o estudo de Joaquim Ramió<sup>11</sup> levanta cerca de 65 presenças nas telas grandes (entre curtas e longas), sendo de 1915 o primeiro curta-metragem (*Clarita y Peladilla van al Fútbol*, de Benito Perojo) e de 1929 o primeiro longa de 1929 (*Fútbol, Amor y Toros*, de Florián Rey).

Entre esses filmes, podemos destacar a participação como ator do grande jogador Alfredo Di Stefano (por exemplo, no filme *Saeta Rubia*, 1956, dirigido por Javier Setó, onde representa ele mesmo como responsável por organizar uma equipe de futebol), películas sobre o cotidiano do esporte (como o pioneiro *!!Campeones!!*, 1942, dirigido por Ramon Torrado) e os mais recentes *El Portero* (2000, de Gonzalo Suárez) e *Días de fútbol* (2003, de David Serrano), bastante premiada e que manteve-se por um ano entre as 3 mais assistidas na Espanha.

Além dos filmes que integram este livro (*Febre de Bola*, de David Evans, de 1997; *A Copa*, de Khyentse Norbu, 1999; *Driblando o destino*, de Gurinder Chadha, 2002), ainda vale destacar os curiosos (e até mesmo inusitados): *Shaolin Soccer* (2001, de Stephen Chow Sing-Chi, Lee Lik-Chee), uma comédia sobre um time de futebol formado por lutadores de artes marciais; outra comédia, *Ladybugs* (1992, de Sidney Furie, com Rodney Dangerfield no papel principal), sobre um treinador e sua equipe feminina; *Mean Machine* (2001, direção de Barry Skolnick), sobre um time formado em um presídio; e as animações japonesas *Super Campeões- volume 1 e 2* (2002), sobre um garoto que sonhava em vir para o Brasil e se tornar grande jogador de futebol.

É interessante identificar o lugar que o Brasil (sejam seus jogadores ou referências a seus símbolos, como a camisa de nossa seleção) ocupa em muitas dessas películas, ainda que de forma bastante estereotipada. Parece um mistério que os cineastas desejam entender: a qualidade e vigor do futebol brasileiro; quase um ato de reverência.

Essa referência aparece, por exemplo, em *Meu nome é Joe* (1998), um belíssimo e poético filme do grande cineasta inglês Ken Loach. Ao dirigir seu sensível e crítico olhar para o “submundo” dos desempregados escoceses, o diretor tem como protagonista um alcoólatra

---

<sup>11</sup> . RAMIÓ, Joaquim Romaguera I. *Presencia del deporte em el cine español*. Madrid: Fundación Andalucía Olímpica y Consejo Superior de Deportes, 2003.

que treina o pior time de futebol da região, que joga com uma camisa que faz menção à seleção brasileira.

Outro filme bastante denso é *Football Factory* (2004, direção de Nick Love), cujo personagem central é um jovem hooligan, Tommy Johnson, torcedor do Chelsea; um verdadeiro estudo sobre o papel do futebol na vida cotidiana, sobre a construção de uma cultura masculina, sobre a violência. Longe dos purismos que cercam muitos discursos sobre o esporte, o vemos plenamente inserido no contexto social, ao lado de sexo, drogas, álcool.

Vale ainda referência a *O Medo do Goleiro diante do Pênalti* (1971), do diretor alemão Win Wenders, baseado no romance de Peter Handke. O filme narra a história de Josef Bloch, um goleiro de uma equipe da segunda divisão que é expulso por cometer uma falta. A noite ele mata a atendente de cinema com a qual sai e foge para a casa de uma amiga, de onde acompanha, aparentemente de maneira desinteressada, a perseguição da polícia, que o captura em um estádio de futebol. Mesmo que não haja muito do esporte na trama, vale pelo destaque que tem para desencadear o drama.

Um dos filmes mais relevantes que tentou levar o velho esporte bretão para as grandes telas foi *Fuga para a Vitória* (1981), dirigido pelo importante cineasta John Huston, estrelado por grandes nomes do cinema (como Sylvester Stallone e Michael Caine) e do futebol (como Pelé e Bobby Moore).

Esta película vale a pena ser destacada pela força dramática do enredo e por ser síntese dos desafios encarados pelos cineastas que desejam filmar o futebol. O pano de fundo da trama é um jogo disputado, na Segunda Grande Guerra, entre o selecionado alemão e uma equipe de prisioneiros de guerra (liderada pelo capitão inglês John Colby).

O que era a princípio uma atividade local (uma brincadeira, um “jogo de várzea”, proposta do major Karl Von Steiner) vai se transformando em um evento, uma disputa simbólica de enorme vulto. Os alemães desejam vencer a todo custo para provar a supremacia do regime nazista; os presos querem aproveitar a situação para fugir.

Na verdade, é difícil ver o filme e não lembrar da famosa frase de Bill Shankly, técnico do Liverpool nos anos 60: “o futebol não é uma questão de vida ou morte; é muito mais do que isso”. No caso da película, isso é levado literalmente ao pé da letra. Os paralelos entre “vida” e “jogo”, entre “esporte” e “guerra”, entre “resultados” e “honra” permeiam todo a trama.

Inspirado em episódio real, esse aparentemente banal roteiro acaba tocando, ora mais ora menos intencionalmente, em muitas questões: o uso político do futebol; o esporte como propaganda; a imprevisibilidade do jogo; as falcatruas do campo esportivo; os privilégios dos

atletas; as desigualdades que podem interferir nos resultados; o importante papel da torcida; a questão da honra, do companheirismo, da superação; os limites da liberdade.

Ainda que não possa ser considerado um grande filme, é bastante interessante para discutirmos a presença social do futebol, a partir de suas relações com o cinema. O argumento central, ainda que polêmico, é resumidamente bem captado por Gonzalez<sup>12</sup>:

Como pudo demostrar este guión y este argumento, el fútbol es um estado de igualdad, en el que cualquiera puede aspirar a ser mejor com diferentes armas. Aquí no se utilizaban las agresivas y convencionales, se pretendían hacer daño com lo que más duele: sin violencia y con la inspiración.

Mesmo que do ponto de vista da análise sociológica esta afirmação não se sustente plenamente, não podemos negar que é um discurso corrente, reforçado portanto, neste e em outros casos, pelo cinema.

John Huston, experimentado e premiado cineasta, ainda que não fosse muito ligado ao futebol, soube enfrentar os desafios de transpor este esporte para as telas. Para dar conta das questões técnicas usou ao máximo cada elemento de sua equipe, compondo um “mix” entre jogadores e atores.

Como uma grande parte do filme não se passa nos gramados (e isso já é em si uma estratégia narrativa), pouco se vê da atuação dos jogadores como atores (e quando isso ocorre, é bastante deficiente do ponto de vista dramático). Nesse caso, procurou compensar com as estrelas do cinema norte-americano.

Para as cenas de futebol, contou com a contribuição de Pelé na preparação das “coreografias” dos treinos e da partida. Aliás, por si só a presença do “rei do futebol”, sempre encantado e envolvido com o cinema, como se soubesse que é uma mídia fundamental para construir o mito a seu redor<sup>13</sup>, já pode ter funcionado como chamariz de público.

Obviamente devemos considerar que Huston encarou o limite tão bem apontado por José Gonzalez<sup>14</sup>: “por sí solo el fútbol es inimitable e irreproducible. Como el cine”. Ou alguém pode ter em conta como factível Sylvester Stallone representando o papel de goleiro da equipe dos prisioneiros (ainda que Huston tenha procurado também lidar com isso, já que o personagem era apresentado como “perna de pau”, nunca tendo atuado antes como goleiro e somente participando da partida em função das injunções do plano de fuga)?

Huston, buscando desencadear emoções ao redor da partida, soube de forma adequada recriar algo muito comum nos filmes de boxe: uma composição claramente maniqueísta, onde

---

<sup>12</sup> . Op.cit., p.133.

<sup>13</sup> . Maiores informações sobre o envolvimento de Pelé com o cinema podem ser obtidas em: MELO, op.cit., 2005c.

<sup>14</sup> . Op.cit., p.131.

ficam bem marcados os papéis de heróis (prisioneiros) e bandidos (alemães nazistas), ainda que com matizes de ambos os lados (pequenas fragilidades de caráter de alguns presos e sentimento de “nobreza esportiva” do major alemão Steiner, algo que supostamente trouxera de sua experiência como jogador de futebol). Ao recorrer a esse recurso, torna mais eficaz o recriar de estruturas dramáticas desenvolvidas pelo cinema norte-americano no decorrer de sua história.

Aliás, vale lembrar que Huston fora boxeador na sua juventude e trabalhara como jornalista esportivo durante alguns anos. Não por acaso foi também diretor de películas onde o boxe (a “nobre arte”) ocupava lugar central, como *Cidade das Ilusões* (1972). Com isso quero argumentar que uma das estratégias do diretor de *Fuga para a Vitória* foi aproximá-lo das estruturas dos filmes de pugilismo, que em função de suas características é um esporte mais adequado para o formato da narrativa cinematográfica mais tradicional<sup>15</sup>.

*Fuga para a Vitória*, sem ser um filme inesquecível, é um bom exemplo de como algumas temáticas estiveram presentes nas oportunidades em que o futebol freqüentou as grandes telas: o jogo enquanto metáfora da vida; das tensões entre desencanto e superação; como forma de controle e também de resistência; como mecanismo de desilusão, assim como de êxtase; como retrato das múltiplas dimensões que compõe um ser humano e a sociedade na qual vive<sup>16</sup>.

Antes de encerrar esse item, gostaria de proceder uma última discussão. Provavelmente o leitor fez uma ligação direta entre o futebol e o jogo no qual 11 jogadores de cada lado tentam fazer a bola penetrar na meta adversário, fazendo para isso uso exclusivo dos pés (com exceção do goleiro, autorizado a usar as mãos). Mas, lembremos, existem muitos outros “futebóis” pelo mundo, que também gozam de grande popularidade.

Entre os mais populares temos o rugby e o futebol americano, que também já inspiraram muitas películas. Entre elas, *Duelo de Titãs* (2000, de Boaz Yakin), com Denzel Washington no papel principal; e *Jerry Maguire* (1996, dirigido por Cameron Crowe), estrelada por Tom Cruise. Fizemos questão de incluir este último filme no livro para lembrar que o universo-futebol é bem maior do que normalmente visualizamos.

Aliás, vale a pena lembrar o enorme número de outras formas de manifestação deste maravilhoso esporte: seja em jogos populares infantis (“rebatida”, “cascudinho”, “golzinho”, “disputa de embaixadinhas”), seja em brinquedos (“Jogo de Peteleco”; “Jogo de Preguinho”, “Jogo de Chapinha” “Totó ou Pebolin”), seja em vídeo-games (“Fifa Soccer”, “Championship

---

<sup>15</sup> . Para maiores informações, ver em: MELO, VAZ, op.cit.

<sup>16</sup> . A resenha completa do filme está disponível em [www.lazer.eefd.ufrj.br](http://www.lazer.eefd.ufrj.br).

Management”). O futebol também está presente na música, na poesia, nas crônicas, nas obras de arte, na dança. Lamentavelmente não podemos tratar desse assunto neste artigo, mas serve para destacar como este esporte está presente em todos os espaços de nossa vida cotidiana. Assim sendo: por que não estaria no cinema?

### **O futebol no cinema brasileiro**

“Garrincha, alegria do povo”, documentário sobre o futebol brasileiro, é antes de tudo visão do povo, do amor do povo, da miséria, da alegria, da superstição e da grandeza do povo na figura do menino das pernas tortas, que é o improviso do povo<sup>17</sup>.

E no “país do futebol”, como o cinema representou o futebol? Por aqui volta e meia também vemos surgir a discussão de que temos poucos filmes sobre o assunto. Já aprofundei um pouco tal discussão em outros momentos<sup>18</sup> e aqui quero ir direto ao ponto: isso não é verdade. De fato, o que há é um desconhecimento de nossa produção cinematográfica, uma restrição na consideração somente dos longa-metragens e uma comparação infundada com outros países: de nada adianta contrastar com outros esportes nos Estados Unidos, por exemplo; lá há mais filmes de qualquer coisa!

Segundo o levantamento que realizamos em mais de 4.500 longas brasileiros, entre 196 que de alguma forma representam o esporte, 109 trazem algo relacionado ao futebol. Obviamente esse grau de presença é muito variável, havendo desde breves citações (por exemplo, no recente *Morro da Conceição*, 2005, de Cristina Grumbach, um dos entrevistados foi jogador; em *Ópera do Malandro*, 1985, de Ruy Guerra, há uma cena em um estádio); algum personagem da trama que é jogador (como no caso de *Bossa Nova*, 2000, de Bruno Barreto; ou *O Casamento de Louise*, 2001, de Betse Paula); passando por aqueles onde o futebol ocupa uma espaço de relativa importância (como no fundamental *Rio 40 graus*, 1955, Néelson Pereira dos Santos), até aquele em que é assunto central<sup>19</sup>.

Entre esses últimos, vários são os assuntos abordados: clubes de futebol (caso de *Flamengo paixão*, 1980, David Neves), Copas do Mundo (por exemplo, *Brasil Bom de Bola*, 1971, Carlos Niemeyer), jogadores de futebol (caso de *O Rei Pelé*, 1974, Luiz Carlos Barreto e Eduardo Escorel), loteria esportiva (por exemplo, *Treze Pontos*, 1985, Alonso Gonçalves),

---

<sup>17</sup> . ROCHA, Glauber. *Revisão crítica do cinema brasileiro*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p.149.

<sup>18</sup> . MELO, Victor Andrade de. Memórias do esporte no cinema brasileira: sua presença em longa-metragens brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v.25, n.1, 2003.

<sup>19</sup> . Uma lista completa de todos os filmes brasileiros que tematizam o esporte, bem como dos específicos de futebol, pode ser encontrada em: [www.lazer.eefd.ufrj.br/esportearte](http://www.lazer.eefd.ufrj.br/esportearte).

questões de gênero (*Onda Nova*, 1983, José Antônio Garcia), dificuldades da carreira de jogador (*Asa Branca, sonho brasileiro*, 1981, Djalma Limongi Batista), relações com a política (*Prá Frente Brasil*, 1982, Roberto Farias), entre muitos outros.

Além de documentários, encontramos o futebol em comédias (*O Corintiano*, 1966, de Milton Amaral, com Mazzaropi; e *Os Trapalhões e o Rei do Futebol*, 1986, Carlos Manga), dramas (*Os Trombadinhas*, 1979, Anselmo Duarte), policiais (*Máscara da Traição*, 1969, Roberto Pires), animação (*A Turma do Gol*, 2000, Paulo Marioti) e até em filmes de sexo explícito (*A Pelada do Sexo*, 1985, Mário Lúcio).

Entre os cineastas, além dos já citados: Antônio Carlos Fontoura, Carlos Diegues, Carlos Gerbase, Carlos Hugo Christensen, Domingos de Oliveira, Fernando Cony Campos, Glauber Rocha, J. B. Thanko, João Moreira Salles, Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman, Luiz de Barros, Maurice Capovilla, Murilo Salles, Oswaldo Caldeira, Ugo Giorgetti, entre muitos outros.

Como não é possível neste artigo comentar todos os filmes brasileiros que tematizaram o futebol, além daqueles que os leitores encontrarão neste livro (*Garrincha, Alegria do Povo*, 1963, Joaquim Pedro de Andrade; *Passe Livre*, 1975, Oswaldo Caldeira; *Onda Nova*, 1983, José Antônio Garcia), gostaríamos de destacar alguns pelos seu pioneirismo e/ou importância. Na verdade, o futebol esteve nas primeiras películas brasileiras que incorporaram o esporte em sua narrativa.

Por exemplo, em 1931, Genésio Arruda, famoso ator e humorista, dirige *Campeão de Futebol*, uma homenagem aos jogadores da época. Este foi o primeiro filme nacional de ficção onde o esporte foi efetivamente o assunto central da trama. Na película atuaram muitos atletas famosos à época, como Feitiço e o grande Arthur Friendreich.

Já *Alma e Corpo de uma Raça* (1938), dirigido por Milton Rodrigues, um dos irmãos de Nelson Rodrigues, foi produzido por Adhemar Gonzaga e pela Cinédia, um dos mais importantes estúdios do cinema nacional, responsável por obras-primas de nossa cinematografia e por um de nossos mais conhecidos modelos fílmicos: as chanchadas.

Como locação para este filme, foram utilizadas as dependências do Clube de Regatas do Flamengo. Também foi utilizado o recurso comum de misturar atores profissionais e jogadores de futebol (entre eles Leônidas da Silva). Conta a história de dois atletas do clube que disputam o amor de uma mulher. Esta casará com aquele que der a vitória ao Flamengo. Este foi o primeiro filme diretamente ligado a um clube esportivo.

No mesmo ano, Ruy Costa dirigiu *Futebol em Família*, com o qual estiveram envolvidos importantes nomes do cinema brasileiro: Edgar Brasil (fotografia), Moacyr

Fenelon (sonografia) e Wallace Downey (supervisão). No elenco, a tradicional mescla de jogadores (do Fluminense Futebol Clube) e atores (como Grande Otelo e Dircinha Batista). A película narra os problemas de um jovem com os pais, por pretender ser jogador de futebol.

Em 1946 é lançado *Gol da Vitória*, dirigido por José Carlos Burle, um dos fundadores da Atlântida, estúdio criado no início dos anos 40, responsável pelos maiores sucessos daquela década. Grande Otelo representou o craque Laurindo, personagem inspirado em Leônidas da Silva.

*A Copa do Mundo de 1950*, dirigido por Milton Rodrigues e produzido por Mário Filho, seu irmão e importante jornalista esportivo, busca os motivos que levaram o Brasil a ser derrotado pelo Uruguai na final daquele evento, em pleno Maracanã. Foi o primeiro documentário cujo tema é o esporte<sup>20</sup>.

O futebol esteve presente ainda em outros 3 filmes que merecem ser destacados. O primeiro deles é *Rio 40 Graus* (1955), de Néelson Pereira dos Santos. Ainda que não seja o assunto central da película, ocupa importante espaço em um dos marcos do cinema nacional. De acordo com Alex Viany<sup>21</sup>, este filme:

não deixou de dar um novo tom de seriedade ao número ainda pequeno de filmes brasileiros dedicados a temas desportivos, ao mesmo tempo que, fragmentariamente, apresentava uns tantos tipos válidos, como o jogador que não mais interessa aos torcedores (Al Ghiu), o jogador que é lançado no fogo (Domingos Paron), o torcedor completo (Jackson de Souza) e o brigão das gerais (Jece Valadão).

Já *Garrincha, Alegria do Povo* (1963) é certamente um dos principais filmes brasileiros e um dos mais importantes que tematizaram o futebol, merecendo um capítulo a parte. Nomes jovens e destacados do cinema nacional estiveram envolvidos em sua produção: Joaquim Pedro de Andrade (direção e roteiro), Luiz Carlos Barreto (produção), Armando Nogueira (produção e roteiro), Mário Carneiro e David Neves (fotografia).

A filme narra a trajetória do jogador, sua capacidade para encantar os fãs com sua personalidade, suas pernas tortas, seus dribles e seu extraordinário talento para surpreender os adversários. O documentário intercala depoimentos, trechos de cinejornais e algumas imagens tomadas no Maracanã, sempre procurando situar o aspecto social do futebol no Brasil. A figura de Garrincha é utilizada para traçar um retrato do povo brasileiro, aquele que não tem nada para dar certo, mas, sabe-se lá como, acaba triunfando.

---

<sup>20</sup> . Maiores informações sobre esses filmes podem ser obtidas em: MELO, op.cit., 2003; e MURAD, Maurício. Futebol e cinema no Brasil 1908/1998. In: COSTA, Márcia Regina e colaboradores (orgs.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.

<sup>21</sup> . VIANY, Alex. Cinema no Maracanã. In: PEDROSA, Milton. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Editora Gol, 1967. p.127. Este artigo foi originalmente publicado em “Olimpíada – Revista da Confederação Brasileira de Desportos Universitários”, em agosto de 1957.

Contudo, esta vitória é parcial, porque os usos de sua imagem tendem a incorporá-lo e apreendê-lo ao *status quo*, em certa medida o desreferenciando, o deslocando de seu papel original, o que deixa poucas opções de sobrevivência ativa. Se o futebol é fator de libertação e de festa, o cineasta também desconfia que possa de ser de alienação e de manipulação, algo que é tematizado de forma sutil e complexa<sup>22</sup>.

Por fim, *Prá Frente Brasil* (1982), dirigido por Roberto Farias. Em plena época de abertura política, o filme faz um paralelo entre o envolvimento popular com a Copa do Mundo de 1970, na qual o Brasil se sagrou campeão, e as torturas e movimentos de contestação do regime, desconfiando que o futebol possa ser utilizado com ópio do povo. Destacam-se ainda as polêmicas que esse filme desencadeou com a censura à época, o que levou inclusive ao pedido de demissão de Celso Amorim da presidência da Embrafilme<sup>23</sup>.

Há ainda duas facetas menos conhecidas do grande público que devem ser levantadas quando falamos da presença do futebol nas telas nacionais. Uma delas são o sem número de imagens documentais que podemos encontrar nos curta-metragens pioneiros do cinema brasileiro e nos cinejornais, programas que eram exibidos antes do filme principal, esportivos (como *O Esporte em Marcha* ou *O Esporte na Tela*) ou não (como *Brasil Atualidades* ou *Notícias da Semana*), cujo principal destaque é o já comentado Canal 100.

Em nossas investigações, encontramos 23 breves filmes documentais sobre o futebol, realizados nas duas primeiras décadas do século XX. Entre eles, destacamos: *Match Internacional de Futebol entre Brasileiros e Argentinos* (1907); *Entrega das Taças aos Campeões Paulistas de Futebol* (1907), *Campeonato de 1908* e *Match de Futebol entre Ingleses e Fluminense* (1908); *Botafogo, Campeão de Futebol de 1910* (1910); *Fluminense Futebol Clube – Fla X Flu* (1919)<sup>24</sup>.

Não podemos concluir esse item sem deixar de falar dos muitos curtas-metragens de ficção, cujo número tem sido crescente nos últimos anos. Não por acaso na terceira edição do Ciclo de Cinema e Esporte incluímos na programação três deles: *Unido Vencerás* (2003, de Pedro Asbeg), *Decisão* (1997, de Leila Hipólito) e *Cartão Vermelho* (1994, de Lais Bodanzky). Certamente nesses recentes curtas, alguns também de caráter documental, podemos identificar representações do futebol na sociedade brasileira a partir de suas múltiplas facetas e inter-relações.

---

<sup>22</sup> . Para maiores informações, ver: MELO, op.cit., 2005d.

<sup>23</sup> . Para maiores informações, ver: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol e Política: Prá Frente Brasil. In: MELO, Victor Andrade de, PERES, Fabio de Faria. *O esporte vai ao cinema*. Rio de Janeiro: Editora do Senac/RJ, 2005

<sup>24</sup> . Maiores informações sobre os curta-metragens e cinejornais, ver em: MELO, op.cit., 2005c.

Seria impossível aqui resumir o volume e a qualidade dessa produção. No sítio Porta-Curtas ([www.portacurtas.com.br](http://www.portacurtas.com.br)) existem disponíveis 26 dedicados ao futebol. No site Curtaagora ([www.curtaagora.com](http://www.curtaagora.com)) encontramos mais dois títulos diferentes. Mas esses são somente pequenos exemplos do muito que tem sido produzido.

Como destaques elencamos *Uma História de Futebol* (1998, de Paulo Macline), que disputou o Oscar de melhor curta-metragem, e os curtas da Raça Filmes, uma produtora, dirigida por Pedro Asbeg e Felipe Nepomuceno, que tem se especializado em captar o futebol a partir de diferentes dimensões e olhares. Por isso, no quarto Ciclo de Cinema e Esporte resolvemos dedicar a esta produtora uma sessão de discussão, onde foram exibidos: *O Deus da Raça*, de Felipe Nepomuceno e Pedro Asbeg (2003), *Memórias de um Guerrilheiro*, de Felipe Nepomuceno (2005) e *Brasil*, de Felipe Nepomuceno e Pedro Asbeg (2005).

### **Para terminar: o cinema no futebol**

Já vai longe essa introdução, mas não posso encerrar sem tratar de um assunto de grande importância: o cinema (ou a imagem em um sentido mais amplo) teria influenciado na própria dinâmica do futebol? Desde o início o fato concreto é que as relações entre a arte cinematográfica e o esporte tiveram uma dupla dimensão: contribuíram para ampliar o alcance dos espetáculos (tanto esporte quanto cinema) e para ampliar a objetividade na análise dos resultados das competições, já que supostamente bastaria filmar as provas e partidas para que qualquer dúvida fosse sanada.

Há duas questões que precisam ser encaradas. O uso de imagens é isento de dúvida? Certamente que não e as polêmicas permanecem. Na última Copa do Mundo de Futebol (2002), por exemplo, ficou famoso o episódio em que praticamente todos os jornalistas do mundo afirmaram que o árbitro errara em uma situação polêmica de jogo, fazendo uso para tal de diversas fotografias e *takes* tomados aproximadamente do mesmo ponto de vista. Até que surge uma foto tirada de outro ângulo, de outro plano, demonstrando que a decisão do árbitro era perfeita. O uso das imagens para melhor observância das regras do espetáculo futebol é algo que desencadeia profícuos debates por todo o mundo.

A segunda questão é que certamente a utilização de imagens, no decorrer do tempo, também trouxe modificações na postura do observador da prática esportiva. Se antes o torcedor dependia basicamente dele mesmo para tomar posicionamentos perante o que estava sendo assistido, a atual utilização de imagens nos espetáculos esportivos acaba por, de alguma forma, retirar um pouco de seu papel definidor, diminuir um pouco o seu papel ativo. O recurso do video-tape e seus desdobramentos (tira-teimas, programas que calculam

“exatamente” o que ocorreu) acabam por ser apresentados como a “verdade”, o objetivo, o “científico”, deixando a opinião do torcedor para o campo da “doxa”.

Não estou afirmando que o uso de imagens “estragou” a prática esportiva, mas a chamar a atenção para as mudanças que foram ocasionadas. Mudanças paulatinas, multifacetadas e cada vez maiores. Como exemplo claro, pode-se lembrar das constantes modificações nas regras de determinados esportes, como no caso do voleibol, para que o jogo se torne mais adequado à transmissão televisiva.

Existe um número enorme de imagens e programas esportivos nas televisões de todo o mundo. O esporte é agora levado para dentro dos lares. Todos têm acesso a um discurso aproximado acerca da prática, mesmo que persistam as polêmicas. Os torcedores são sim ativos, mas lidam com estruturas bastante fortes de convencimento, simultaneamente e em diferentes graus rechaçadas e incorporadas.

O importante é entender que a possibilidade de difusão rompeu o limite claro entre o público e o privado, envolveu ainda mais mulheres, famílias, filhos (algo que já era observável anteriormente nas instalações esportivas), mas estabeleceu um acesso mediado pelos “especialistas” a partir de uma idéia de objetividade. Se a relação do torcedor com o futebol sempre foi muito *erótica*, nos dias de hoje ela vai se tornando cada vez mais *pornográfica* pela predominância de recursos de imagem que explicitam cada centímetro e cada instante das atividades esportivas<sup>25</sup>.

Enfim, como um caminho de via dupla, cinema e futebol se interinfluenciaram e dialogaram constantemente. E esse percurso nos permite vislumbrar uma possibilidade de compreender os discursos acerca da sociedade, determinadas representações, certos mitos. Estar atento a isso, como recurso de investigação, como possibilidade pedagógica ou como maneira de ampliar nosso prazer, é uma necessidade e um desafio para todos nós, pesquisadores, estudiosos, interessados ou fãs.

Bem, “trailer” exibido, “aquecimento e preleção” feitas, passemos então ao nosso jogo e às contribuições do time de craques que compõe esse nosso livro

---

<sup>25</sup> . Maiores informações sobre tal discussão, podem ser obtidas em: MELO, op.cit., 2004